

# **O CASO PARTICULAR COMO FUNDAMENTO DO REAL NO DISCURSO DE AUTO-AJUDA**

*Julio Neves Pereira* (UNICASTELO-SP, UMC-SP e FIESI-SP)

## **INTRODUÇÃO**

No processo de persuasão, utilizam-se vários recursos retórico-discursivos. Um desses recursos presentes em livro de auto-ajuda é baseado em relatos de *casos particulares*. Busca-se, por isso, analisar essa estratégia, observando o tipo de caso empregado e sua função na interação entre o sujeito da persuasão e o sujeito da interpretação, estudando o emprego do caso e especificando sua classificação no discurso de auto-ajuda, para, enfim, descrever o fazer persuasivo e o fazer interpretativo. A análise centra-se, portanto, na relação entre o enunciador e enunciatário. Conseqüentemente, ela é realizada no âmbito da sintaxe discursiva.

Assim, são utilizados os preceitos de argumentação tratados por Perelman & Olbrechts-Tyteca (2002) e os da semiótica discursiva.

Nos livros de auto-ajuda, de modo geral, o enunciador ora conta casos aparentemente reais, ora, piadas e pequenas histórias de domínio público. No geral, esses casos considerados reais referem-se a fatos do cotidiano, pois envolvem pessoas comuns, como amigos, familiares, clientes, pacientes; ou à vida de grandes personalidades do mundo empresarial, científico, filosófico, religioso, artístico, literário, político etc.

Tais histórias, geralmente, apresentam-se em pequenos relatos, constituídos por narrador, personagens e diálogos. Alguns desses lembram a fábula, pois sua estrutura constitui-se do relato de um acontecimento, seguido de comentários do enunciador acerca dele, dando ao enunciatário uma interpretação da história contada. Esses relatos apresentam-se também na forma de menção a determinadas personalidades e às suas qualidades específicas a fim de fundar modelos de comportamento.

## **FIGURATIVIZAÇÃO, DISCURSO ABSTRATO (TEMÁTICO) E DISCURSO FIGURATIVO**

Quando se analisam os casos relatados, deve-se levar em conta como as figuras são construídas e qual seu papel. A figurativização é o processo de (re)-construção do real. Considerando-se o percurso gerativo de sentido, que vai do mais simples e abstrato ao mais concre-

to e complexo, trata-se do revestimento necessário nas estruturas abstratas para que tomem corpo no processo de conversão sintático-semântica, de que resulta a “ilusão referencial”: um efeito de sentido que faz ver, no discurso, uma realidade sensível construída analogamente às “experiências perceptivas mais concretas” (Bertrand, 2003). Esta construção análoga não se refere à relação entre discurso e mundo, no sentido de que aquele seja cópia fiel deste; ao contrário, há a mediação de um corpo que sente (*experiências perceptivas*) e o mediatiza por meio da linguagem: já não é o mundo tal como ele é, mas como se o percebe, porque

Como escreve Michel de Certeau num comentário de *O visível e o invisível*, de Merleau-Ponty: “Ver já é um ato de linguagem. Esse ato faz das coisas vistas a enunciação da invisível textura que as ata,” Observação que faz eco a uma reflexão do próprio Merleau-Ponty acerca da experiência da percepção: “essa experiência nos põe em presença do momento em que se constituem para nós as coisas [...] ela nos fornece um logos no estado nascente”. [...] A percepção assimila a co-presença das coisas, integra a causa e a conseqüência, “lembra-se e antecipa, arremete e retroage”, ela é expectativa e previsão, associa “defesa e a apropriação”, nas palavras do filósofo Maurice Pradines. (*ibidem*, p. 161-162)

O discurso não produz uma referência direta do mundo. As coisas não são simplesmente designadas, mas, ao contrário, devido à correlação entre o mundo natural e a percepção, são apreendidas as relações entre os objetos, de modo que se construam significações no processo intersemiótico. Todavia, como defende Barros (2001), essa relação entre discurso e referente deve ser tratada também no âmbito da relação contratual entre enunciador e enunciatário.

O contrato de veridicção é a condição básica para que uma verdade seja nele reconhecida (a *verdade do discurso*), mas o reconhecimento (atitude de interpretação) desta verdade depende da existência de um processo persuasivo capaz de levar o enunciatário a crer no dizer do enunciador (contrato fiduciário) para que este passe a aderir às posições cognitivas propostas. Nesse processo, a utilização de figuras no discurso pode ser utilizada com esta finalidade contratual, pois faz com que o enunciatário, reconhecendo aquilo que vê como coisas do mundo, creia serem verdadeiras: “ilusão referencial”

A figurativização deve ser entendida, conseqüentemente, como uma estratégia que se encontra vinculada diretamente ao contrato de veridicção, na configuração dos modos de existência do enunciatário simulados no discurso.

O processo figurativo, nesse sentido, vai além de seu funcionamento de cobertura das abstrações em um processo de apreensão. Especificamente, entende-se que a construção de um discurso abstrato ou de um discurso figurativo é um procedimento do fazer crer. De acordo com Denis Bertrand (2003), os gêneros discursivos são regidos pela figuratividade neles presentes, por isso, podem ser organizados, segundo o grau dessa presença, em dois grandes blocos discursivos opostos: os abstratos (temáticos) e os figurativos; evidentemente, essa con-

figuração está atrelada aos fatores contextuais, que, de alguma forma, na textualização, marcam uma certa maneira de ser do discurso, segundo as coerções (internas e externas) do gênero.

Os limites entre esses dois discursos não são rígidos. Em um texto abstrato (temático), a compreensão e aceitação de uma idéia que nele se defende podem se dar por meio de um raciocínio abstrato, em que os argumentos são apresentados conforme uma lógica estabelecida entre os termos. Contudo, muitas vezes, para que isto ocorra eficazmente, é necessário, no tecido argumentativo, lançar mão de recursos que dêem à idéia a ser compreendida e aceita uma certa corporeidade a fim de pungir os sentidos e torná-la mais crível.

De outro modo, em determinados textos figurativos, desenvolve-se um processo que Bertrand (op.cit.) denomina de “profundidade do figurativo”, pois, figuras que se encontram na superfície discursiva, fazem vir à consciência essa profundidade de qualidade imaterial, de modo que ela seja compreendida em sua totalidade, como ocorre no caso da fábula.

Nesse processo, portanto, não serão as relações lógico-dedutivas o centro da argumentação, mas uma ordem analógica e não-dedutiva de figuras, caracterizando um raciocínio figurativo que leva o enunciatário diretamente ao tema que “ata” as figuras.

Dessa forma,

O investimento figurativo pode ser esporádico e não recobrir totalmente os percursos temáticos, ou duradouros e espalhar-se pelo discurso todo, que se organiza em isotopias figurativas. No primeiro caso, encontram-se, entre outros, os discursos científicos e políticos, em que não se determinam leituras figurativas completas. [...] o segundo tipo de procedimento para tornar os discursos figurativos caracteriza, entre outros, os textos literários e históricos, em que um ou mais investimentos figurativos recobrem o discurso inteiro. Esses discursos, graças aos recursos de figurativização, criam efeitos de realidade ou de irrealidade e percorrem o caminho que vai da figuração à iconização [...] (Barros, 2003: 118-119)

Portanto, o processo de figurativização, dependendo do uso que se faz dele no discurso, pode manifestar-se gradativamente. De todo modo, para o intento do estudo ora realizado, atém-se à idéia de que figurativização é um processo importante na relação entre os actantes da comunicação, envolvidos no processo de fíducia e de veridicção. Outro ponto importante é o fato de que a persuasão pode se dar exclusivamente por um processo lógico-dedutivo, num raciocínio extremamente abstrato, mas que não prescinde de sua função de persuadir pela presença imagética daquilo de que se fala (efeito de realidade), ou seja, pela presença, neste tipo de discurso, de figuras “esparças” (*ibidem*) que produzam ilusão referencial.

A partir do princípio de que os textos não podem ser opostos segundo critérios que os classificam como referenciais reais ou referenciais fictícios, mas distingui-los conforme “os

jogos de verdade que o discurso instala em seu interior” (*ibidem*), deve-se verificar o modo de adesão do enunciatário ao contrato proposto pelo enunciador, observando os efeitos produzidos no discurso de auto-ajuda.

Ao entrar em contato com os casos relatados livros, observou-se a necessidade de diferenciá-los, já que eles se apresentam em forma de narrativa e de menção. Tais casos parecem cumprir duas funções: de um lado, dar, a uma lei posta, existência real com o intuito de clarificá-la; de outro, criar um padrão adequado de conduta. A diferenciação deve ocorrer segundo a classificação proposta por Perelman & Olbrechts-Tyteca (2002), que partem do princípio de que o caso particular pode ter atribuições específicas conforme sua aparição no discurso.

De acordo com estes autores, o caso particular pode ser classificado em: exemplo, ilustração e modelo (este último compreende também o antimodelo). Todos estes casos comungam o fato de serem argumentos que não se baseiam na estrutura do real, mas, antes, o fundamentam. Apesar disso, todos guardam particularidades de seu funcionamento e de seus objetivos, pois seus papéis vinculam-se à intencionalidade no discurso.

Para estes estudiosos, a argumentação por meio de exemplos é baseada na pressuposição de que eles dão concretude a regras (princípios, preceitos); assim, seu uso tem efeito generalizante, de modo que se entenda que o sujeito da persuasão constrói sua argumentação partindo de um fato (concreto) em direção à regra (abstrato); a regra passa a existir a partir do exemplo:

A argumentação pelo exemplo implica – uma vez que a ela se recorre – certo desacordo acerca da regra particular que o exemplo é chamado a fundamentar, mas essa argumentação supõe um acordo prévio sobre a própria possibilidade de uma generalização a partir de casos particulares ou, pelo menos. Sobre os efeitos da inércia (*ibidem*, p. 401)

Diferentemente do exemplo, a ilustração é empregada não para fazer existir uma regra, a partir de um acordo prévio, a fim de o tornar um preceito geral, mas, ao contrário, em esta regra já tendo existência, deve a ilustração passar a presentificá-la na consciência do enunciatário, com a finalidade de que ele adira aos preceitos do enunciador; a ilustração é um revestimento concreto da regra (já conhecida) que possibilita “vê-la” (entendê-la) como realidade, o que confere a ela credibilidade. De acordo com Perelman (1993):

A ilustração difere do exemplo em razão do estatuto da regra que uma e outro serve, para apoiar. Enquanto o exemplo era incumbido de fundamentar a regra, a ilustração tem a função de reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclareçam o enunciado geral, mostram o interesse deste através da variedade das aplicações possíveis, aumentam-lhe a presença na consciência. (p. 407)

Mas, Perelman & Olbrechts-Tyteca (*op.cit.*) também lembram que nesta separação entre exemplo e ilustração é preciso considerar que cada caso tem sua força, na condição em que

estão sendo empregados. Por isso, se forem utilizados como exemplos, deverão, necessariamente, ter a qualidade de serem incontestáveis, para que tenham força de dirimir controvérsias. Se forem, de outro modo, empregados como ilustração, não precisam gozar desse estatuto, porque não precisam fundar uma regra, mas apenas fazê-la ser sentida.

De qualquer maneira, partindo de sua premissa de que a ilustração visa tornar a regra o mais presente possível na mente do enunciatário, dando a ela visibilidade, esse recurso, de certo modo, estabelece também alguns papéis específicos da ilustração: (a) enunciar uma regra aos moldes de um provérbio, pois, não substitui o abstrato pelo concreto, mas é projetada uma imagem; (b) facilitar a compreensão da regra por meio de um caso indiscutível; (c) fazer apreciar o alcance de uma regra por meio de um fato; (d) ironizar com a antífrase; (e) comparar (sem avaliação) para confirmar a regra (ilustrar um caso por meio de outro, sendo ambos aplicações da mesma regra); (e) servir para dar uma qualificação genérica por meio de um caso concreto (semelhante a um clichê); (f) servir para efetuar uma referência a uma regra totalmente implícita.

Assim, mesmo sendo a ilustração um modo geral de fazer o enunciatário ver a regra, isso pode se dar de maneiras diferentes de acordo com o discurso em que aparecem.

Em relação ao modelo, ao contrário, quando em um caso narrado, é posta em evidência uma pessoa que desfrute de valores amplamente reconhecidos na sociedade (pessoa de notoriedade inquestionável), ela pode se tornar um paradigma de comportamento, um modelo de conduta a ser imitado. O emprego de casos denominados modelo visa, mais que ilustrar ou exemplificar, a modificar um comportamento, pois, [...] só se imitam aqueles que se admiram, que têm autoridade, prestígio social, devidos à sua competência, às suas funções ou ao extracto social a que pertencem. (*op.cit.*, p. 123).

## A ILUSTRAÇÃO E A MATERIALIZAÇÃO DA LEI NO DISCURSO DE AUTO-AJUDA

Os casos estudados têm em comum o fato de que sempre estão atrelados a algum princípio exposto pelo enunciador anteriormente e são, geralmente, relatos construídos para produzirem o efeito de veracidade e de histórias ficcionais.

Serão apresentados alguns casos que estão presentes em três livros de auto-ajuda analisados.

Do livro de Lauro Trevisan, tomam-se para análise os casos pertencem a mesma seção do capítulo: *Faça seus sonhos tornarem realidade*.

Neste enunciado-título, já se observa uma ordem localizada no imperativo *Faça*. A ordem parte do pressuposto de que o enunciatário já pode realizar algo que deseja, pois possui competência cognitiva; mas, como se sabe, o livro de auto-ajuda é o espaço da aprendizagem (aquisição do saber), no enunciado encontra-se também uma privação desse sujeito: ele não detém um saber tornar os sonhos realidade, portanto, deverá ser instruído. Essa Privação implícita torna-se explícita com a respectiva proposta de solução na seção seguinte do livro, denominada *Saiba como alcançar o que deseja*. Em virtude disso, são apresentadas sete ilustrações.

A primeira e a quinta ilustrações são relatos relacionados a algo que aconteceu com o próprio enunciadador; a segunda refere-se a um acontecimento que se deu com um “senhor”; a terceira é relacionada a um acontecimento com uma amiga pessoal, é uma ilustração de caráter geral; a quarta e a sexta estão relacionadas a fatos ocorridos com personalidades do mundo, é uma ilustração de caráter específico, pois nomeia os personagens reais (Henry Ford e Marconi).

Há o caso em que o enunciadador apresenta primeiramente um caso particular em que conta sobre uma determinada frase escrita na areia em uma praia de Torres: “Se não pudeses fazer a tua vida conforme teus sonhos, faças da tua vida um sonho”.

#### FAÇA OS SEUS SONHOS TORNAREM –SE REALIDADE

Certa manhã de verão eu percorria as praias ensolaradas de Torres, no Rio Grande do Sul, quando, de repente, deparei com esta frase escrita na areia:

Se não pudeses fazer a tua vida conforme teus sonhos, faças da tua vida um sonho”.

Em outras palavras, se não puder fazer dos sonhos uma realidade, faça da realidade um sonho.

Sem dúvida, uma frase poética, bonita, filosófica. Mas, não totalmente verdadeira, porque, quem conhece o poder da mente, sabe que todo sonho pode tornar-se realidade. Tudo o que é pensável é realizável. Tudo o que é desejável é realizável. Inclusive seus sonhos. Você mesmo teve sonhos, em outros tempos, que lhe pareciam inatingíveis, mas que hoje são realidades na sua vida.

Este enunciado traz um princípio: A mente subconsciente tem força infinita capaz de realizar todos os desejos, mas nunca age por conta; sua ação, de modo todo especial, é determinada pelo pensamento (p. 25), pois, para o enunciadador, todo sonho é realizável pela ação da mente. A intenção do uso deste caso é apresentar uma tese geral que será desqualificada e refutada como está demonstrado no excerto: *Sem dúvida, uma frase poética, bonita, filosófica. Mas não totalmente verdadeira*.

O emprego da expressão epistêmica *sem dúvida*, juntamente com os adjetivos avaliativos de valor eufórico: *poética, bonita, filosófica*, demonstra que o enunciador simula estar de acordo com o princípio geral que ela encerra; no entanto, a presença do contrajuntivo *mas* aponta sua oposição para aquele argumento do senso comum e introduz um contra-argumento: *Mas, não totalmente verdadeira, porque, quem conhece o poder da mente, sabe que todo sonho pode tornar-se realidade.*

A presença da expressão adverbial *não totalmente* no enunciado atenua o tom assertivo da contra-proposição (*mas não totalmente verdadeira*) sem, no entanto, deixar de focá-la como disfórica. Nesta história, o enunciador projeta duas imagens de enunciatário: a do que, possivelmente, adere ao ponto de vista expresso pela frase encontrada (compartilha do conhecimento do senso comum) e a daquele que não pode aderir a ela, pois, como indica o articulador *porque*, quem já possui o saber verdadeiro não toma como verdade o conteúdo expresso no enunciado, esse modo de relacionar sonho e realidade. Por isso retoma uma de suas premissas básicas para reafirmar o saber doado: *Tudo que é pensável é realizável. Tudo o que é desejável e realizável. Inclusive seus sonhos.*

Em seguida à refutação da tese como verdade universal, começa a introduzir cinco casos particulares ilustrativos de que a mente, determinada pelo pensamento, realiza os sonhos de pessoas comuns e de pessoas consagradas. Esses casos são apresentados, primeiro, referindo-se a pessoas comuns, depois, a personalidades do mundo empresarial (Henry Ford) e do científico (Marconi). Encontram-se nas ilustrações figuras que remetem a pessoas, espaço e tempo exteriores (*praias ensolaradas de Torres, no Rio Grande do Sul, Certa manhã, um senhor, uma jovem amiga*), os quais conferem à história o efeito de realidade, a fim de que aquilo que se conta seja interpretado como verdade.

O primeiro dos casos é o que faz referência a uma conversa tida com um senhor. O enunciador para conseguir o efeito de realidade delega a voz ao personagem, que assume o diálogo e passa a contar como conseguiu seu apartamento. Não há um comentário após este relato, pois outro caso segue imediatamente a ele.

Há tempos estive conversando comigo um senhor, que me contou o seguinte:

– Poucos anos atrás eu estava sentado na Praça Saldanha Marinho, de Santa Maria, contemplando os edifícios de apartamentos, que estavam diante de mim. Então eu disse, convicto, para mim: “Um dia eu terei um desses apartamentos”. Hoje eu tenho um daqueles apartamentos. Naquele tempo me parecia um sonho quase impossível, porque minha situação financeira era minguada.

Na apresentação de outra ilustração, o enunciador assume-se como narrador-personagem e conta como dou a competência saber ter (destinador) para conseguir comprar um carro por meio do pensamento positivo.

Há poucos meses, uma jovem, amiga minha, confessou-me que desejava muito ter um carro, mas não tinha condições para comprá-lo.

- Se você quer, pode adquiri-lo. Mentalize o seu carro.

- Mas, como é que vou pagar?

- O que você tem a fazer é mentalizá-lo com fé, com a certeza de que já possui o carro. Veja-o diante de sua casa, sinta-se dirigindo o carro. O resto deixe para a sabedoria do seu subconsciente. Ele sabe como você pode conseguir o seu carro.

A jovem começou a mentalizar o carro de noite, de manhã e algumas vezes por dia. Cerca de três meses depois, precisamente no dia do seu aniversário, seu pai lhe deu um automóvel, e eu mesmo vi quando o carro foi entregue para ela, pouco antes do jantar que ela ofereceu aos amigos, em sua casa. O pai deu a entrada para a compra do carro e paga a metade das prestações, ficando para ela uma parte das prestações que podia pagar tranquilamente.

Essa forma de apresentação da personagem é diferente do que ocorreu nas anteriores pelo fato da relação entre as personagens serem diferentes. Nos outros casos, os personagens eram mais afastados do enunciador, neste a personagem é mais próxima. Essa aproximação é verificada pela expressão *amiga minha*, no emprego do verbo *confessar*, que reporta à idéia de cumplicidade. Verifica-se ainda que ocorre, contribuindo para a criação do efeito de realidade, um diálogo direto entre narrador-personagem e personagem Amiga; e entre esta e o pai.

Tal comentário é realizado após a apresentação de dois outros casos referentes a pessoas comuns. Essa ocorrência parece visar fazer o enunciatário inferir que ele mesmo, uma pessoa comum, pode chegar a ter *verdadeiros impérios*.

Na seqüência do comentário, as ilustrações passam a utilizar personalidades. No caso seguinte, o enunciador instala-se como narrador-personagem para contar sobre o conteúdo de uma enciclopédia *O tesoura da juventude*. Comenta que guardou este livro porque nele continua a prova *por uma série de argumentos considerados científicos, que era impossível chegar até a lua*.

Contudo, bastou o homem sonhar em ir a lua que conseguiu, mesmo com todas as evidências de que isto poderia ser impossível. A enciclopédia tornou-se, assim, uma prova cabal de que as idéias do sujeito-autor são, necessariamente, críveis. Esta ilustração, como na fábula, apresenta uma espécie de moral da história, que traz embutida uma espécie de conclusão que retoma a tese central: *Tudo que é pensável, é realizável*.

Interliga-se um caso a outro, mas, desta vez, é sobre uma personagem da História, um desses homens que figurativizam o sucesso individual. Nesse relato, o que chama a atenção é



o modo como são apresentadas as autoridades, pois a maneira de contar sobre o personagem Ford cria o efeito de sentido de que ambos, narrador e personagem viveram na mesma época e participaram juntos a todo o processo de construção do motor V8.

Certo dia, Henry Ford imaginou seu famoso motor V-8. Queria construir um motor com oito cilindros num só bloco. Mandou seus engenheiros fazerem um projeto da nova máquina. Os engenheiros foram taxativos em dizer que era impossível um motor de oito cilindros numa só peça.

– Façam-no de qualquer maneira – mandou Ford

– Mas é impossível – retrucaram os engenheiros.

Continuem o trabalho e sigam em frente até conseguirem, não importa quanto tempo levem.

– O velho ordenara e os engenheiros não tiveram outra alternativa senão darem-se ao trabalho, porém incrédulos e sem muito entusiasmo. Passaram todo o ano em cima do projeto e nada aconteceu. Todas as experiências falharam.

Passado o ano, Ford reuniu os engenheiros para ver os resultados e nada de positivo puderam oferecer-lhe - Vão em frente – insistiu Ford. – Quero-o e obterei.

Finalmente, depois de mais alguns insucessos, quase por acaso o segredo foi descoberto e surgiu o conhecido Ford V-8.

Foi da imaginação de pessoas visionárias e sonhadoras que surgiram tantas invenções, como a lâmpada elétrica, o rádio, o cinema, o avião, as usinas atômicas, as cápsulas espaciais, as máquinas industriais.

Ao contar como ocorreu o episódio do motor, fá-lo como narrador onisciente, o que conduz ao efeito de sentido *vivenciado o fato*. Além disso, o uso da expressão enunciativa de tempo *certo dia* simula também ter ocorrido o fato num tempo muito próximo ao do diálogo realizado; tudo isso leva à construção do efeito de sentido de realidade, e aproxima as características de empreendedor ao enunciador. Por fim, conta outro caso ocorrido com uma personalidade do meio científico:

Marconi sonhou com um sistema que pudesse utilizar o éter. Se sonho tornou-se realidade e está aí materializado em cada aparelho de rádio e televisão. E é bom lembrar que, quando Marconi anunciou que tinha descoberto o princípio do qual poderia enviar mensagens pelo ar, sem auxílio de fios ou de qualquer outro meio físico de comunicação, alguns de seus “amigos” o forçaram a internar-se num hospital psiquiátrico para exames mentais.

Você deve entender, no entanto, que não é um simples anseio, vago e impreciso, que vai ter força capaz de tornar-se realidade física.

Você deve criar forte convicção e não apenas alguma esperança.

Se você tem convicção, sua idéia surgirá, a cada instante, eletro magnetizada e essa força emocional sensibilizará o subconsciente, fazendo-o agir na concretização desse desejo.

Saiba, no entanto, que não se exige maior esforço para um alto objetivo na vida do que para manter-se em estado de miséria e de pobreza.

O sucesso chega para aqueles que têm certeza do sucesso, e, conseqüentemente, caminham na direção dele.

Nunca diga que algo é impossível.

Todo desejo reforçado pela fé torna-se realidade física.

O enunciador utilizou a personalidade Marconi para provar que, às vezes, o sonho parece loucura, mas a obstinação, a persistência e a crença o tornam realidade. A construção do

discurso parte do princípio de que o enunciatário detém o conhecimento de quem seja Marconi, como sugere o enunciado: *E é bom lembrar que...*

De outro modo, se, de um lado, a ilustração mostra que as idéias propostas pelo enunciador, assim como as de Marconi, não são fora da realidade, nem são expressas por um louco (mas, ao contrário, pelo simulacro de um *gênio*, ao identificar-se o enunciador com Marconi), por outro, marca o embate entre a crença e a descrença do sujeito da interpretação, presentificada no enunciado (...) *alguns de seus 'amigos' os forçaram internar-se num hospital psiquiátrico para exames mentais.*

Como se observa, reforça-se sempre a idéia de que é preciso estar investido das paixões obstinação e pertinácia.

Todos estes casos figurativizam o mesmo tema: a realização dos sonhos, o que permite ao enunciador *fazer o enunciatário ver como real aquilo que se apregoa*. Essas figuras cumprem o papel de mostrar os valores cognitivos (saber fazer) e passionais (obstinação, pertinácia) ao enunciatário. Elas são o suporte figurativo do tema em questão, enquanto este cumpre a função, segundo Bertrand (2003) de “[...] dotar uma seqüência figurativa de significações mais abstratas que têm por função alicerçar os seus elementos e uni-los, indicar sua orientação e finalidade, ou inseri-los num campo de valores cognitivos ou passionais.” (p. 212)

Desse modo, as figuras que aparecem nas ilustrações para serem compreendidas necessitam, antes, serem organizadas em torno de um tema que atribuirá a cada uma delas um determinado valor. O tema articulador das figuras já está textualizado, muitas vezes já no título e, com certeza, sustentado, por assim dizer, por cada comentário realizado. Este funcionamento argumentativo remete ao funcionamento da fábula.

De acordo com Bertrand (*op. cit.*), que discute a relação entre o temático e o figurativo, a significação temática pode se dar em segundo nível, quando, no texto, o tema encontra-se implícito, portanto, não textualizado. No entanto, a significação temática pode, ao contrário, estar textualizada. Para o autor, significação temática e abstrata pode também ser desenvolvida como uma unidade discursiva de comentário combinado ou agregado à significação figurativa da narrativa. Assim, ocorre com a fábula e sua moral. A primeira dispõe em expansão figurativa aquilo que a última condensa abstratamente.

A relação e a equivalência entre as duas unidades de discurso podem ser formalmente comparadas àquela que une a palavra à sua definição. Mas, o par fábula / moral, reformulado

como figurativo/temático, realiza sobretudo uma das regras básicas da retórica aristotélica: a persuasão se dá, quer por meio de exemplos, quer por meio de raciocínios.

Nos livros analisados, via de regra, o enunciador utiliza-se do par figurativo / temático para persuadir. Esta ligação que ocorre entre a ilustração e sua definição parece servir para garantir que a interpretação seja monossêmica e de caráter direcionador, no sentido de garantir que o enunciatário creia na existência de uma “verdade única”.

No livro de João Dória Junior, não é diferente: a utilização do caso particular se presta também a demonstrar o ponto de vista do enunciador a respeito de algo: o porquê das pessoas não reconhecerem uma oportunidade quando ela surge. O modo de emprego é o mesmo observado na análise posterior.

Nota-se em uma das histórias que antes de apresentar uma ilustração, nas seções anteriores, o enunciador de antemão apresenta um princípio geral que norteia os temas: “a desatenção e a incredulidade” (no reconhecimento de uma oportunidade): “Muitas vezes, o que impede as pessoas de reconhecer uma oportunidade é a pura e simples falta de atenção. Ou até de credulidade.” (p. 26).

Em seguida, passa a ilustrá-la, apresentando pessoas renomadas que vivenciaram uma situação em que não aproveitaram uma oportunidade devido à sua falta de atenção e à sua incredulidade.

#### WOODY ALLEN NEM ACREDITOU

Recordo um episódio em que estiveram envolvidos dois grandes personagens do cinema mundial. Pouca gente ficou sabendo. Até porque, na verdade, foi algo que não aconteceu.

Na década de 1980, Woody Allen chegou à capital italiana e hospedou-se num dos grandes hotéis do centro. Sendo já a essa altura uma celebridade do cinema, viu-se cercado por uma barreira de guardiões da sua privacidade. Enquanto Allen descansava, o hotel recebeu um telefonema de um certo senhor que se identificou como Frederico Fellini, que desejava saudá-lo e desejar-lhe boa estada em Roma, embora os dois não se conhecessem pessoalmente. O diretor americano, ou quem sabe algum de seus assessores, dispensou sumariamente o suposto impostor. Não lhe passou pela cabeça que o próprio Fellini, sumo sacerdote do cinema e personagem recluso, arredo, pudesse tomar a iniciativa de um contato com um diretor mais jovem e estrangeiro.

Era Fellini. Mas Allen só ficaria sabendo disso bem depois, por intermédio do ator Marcello Mastroianni, íntimo amigo do amigo do diretor italiano.

Não é demais imaginar que esse contato direto entre Fellini e Allen pudesse ter sido a semente de uma colaboração importante entre os dois. O certo é que o americano dava tanta importância ao outro que chegou a duvidar da autenticidade do telefonema.

Temos aqui um exemplo de oportunidade perdida. E perdida por um homem de cinema que busca, ele próprio, encontrar oportunidades significativas na vida de seus personagens, para assim enriquecer o enredo de seus filmes. Olhando para trás, revendo o roteiro de sua existência, você haverá de reconhecer que a vida lhe pareceu oportunidades. O que se pode dizer é que muitas vezes não as reconheceu no devido tempo. Avaliou mal. Não pensou nos possíveis desdobramentos daquela chance que apareceu no horizonte. E novamente aqui podemos recordar uma história ocorrida no âmbito de pessoas de sucesso, porém numa época em que tal sucesso ainda não parecia plausível.

A utilização de pessoas de renome (Wood Allen e Tony Sheridan) tem o objetivo evidente de provar que qualquer pessoa pode se encontrar desatenta e perder uma boa oportunidade na vida. Esta ilustração está sendo regida, assumida pelo tema que a direciona no sentido da finalidade estabelecida.

No outro caso, ocorre processo idêntico, em que há a articulação entre tema (textualização) e figura, sendo o tema o da falta de valores na vida.

#### VALORES FLUTUANTES E PERMANENTES

Quando falo nesse quadro de valores refiro-me “aqueles que são, por assim, dizer, “flutuantes””. Mudam segundo o tempo e o lugar. Saber percebê-los e levá-los em conta é um quesito fundamental no mundo do trabalho.

Esses valores “flutuantes”, por sua própria natureza, exigem um aprendizado constante e dizem respeito sobretudo à vida adulta. É em nossa trajetória pessoal e profissional, no próprio acúmulo de experiências, nas comparações que fazemos que nos educamos para a diversidade.

Porém existe ainda outro quadro de valores que poderíamos chamar de “permanentes”, ligados muito mais ao tipo de educação que recebemos em casa e na escola. Aí se encaixam, por exemplo, a honestidade e o sentido ético. Quando não se traz esses valores na brasa, dificilmente se consegue adquiri-los no curso da vida adulta ou no campo profissional.

Existe uma história pueril, mas extremamente significativa do folclore africano, contida no livro das virtudes II, de Willian J. Bennett, que ilustra bem o que estamos discutindo.

Antigamente, os cinco dedos ficavam bem juntos na mão, lado a lado. Eram todos amigos. Aonde um ia, seguiam os outros. Trabalhavam juntos, brincavam juntos; lavavam, escreviam e cumpriam seus deveres juntos.

Um dia, os cinco dedos estavam descansando numa mesa quando espiaram um anel de ouro largado ali perto.

– Que anel brilhante! – exclamou o primeiro dedo.

– Ficariam lindo em mim – declarou o segundo dedo.

– vamos pegá-lo! – sugeriu o terceiro dedo.

– Depressa! Agora que ninguém está olhando! – cochilou o quarto dedo.

Já iam pegar o anel quando o quinto dedo, chamado Polegar, falou:

– Esperem! Não devemos fazer isso! – gritou.

– Por que não? – perguntaram os outros dedos.

– Porque o anel não nos pertence – disse o Polegar. – É errado pegar uma coisa que não é sua.

– Mas quem vai saber? – perguntaram os outros dedos.

– Não – disse o Polegar. – Isso é roubo.

Então os outros quatro começaram a zombar do Polegar.

– você está com medo! – disse um deles

– Ai, que bonzinho que ele é... – comentou outro.

Mas o Polegar balançava a cabeça.

– Não ligo para o que vocês falam. Eu não vou roubar.

– Então não fique mais junto de nós! – gritaram os quatro dedos em uníssono. – Você não pode ser mais nosso amigo.

E saíram em grupo, deixando o Polegar sozinho. No começo, acharam que ele iria segui-las e implorar para voltar a ficar junto. Mas o Polegar sabia que estavam errados e ficou leal aos seus princípios. É por isso que, hoje, o Polegar fica isolado dos outros quatro dedos.

A mensagem que se evidencia é a de que quando não se cultivam valores como honestidade e sentido ético na base da formação do indivíduo, dificilmente este consegue adquiri-los no curso da vida adulta ou no campo profissional. A seguir, apresenta uma ilustração, a qual deve ser lida como uma pequena história imaginária. Nela se demonstra, por meio de quatro personagens, os dedos das mãos, que os valores quando estão totalmente internalizados, graças à boa educação, guiam as ações das pessoas em consonância com a ética e a moral, preservando, assim, o caráter da pessoa. Cada um dos dedos figurativiza um caráter, um valor ético-moral (flutuante ou permanente), e a história se desenvolve na esteira da euforização da atitude do Polegar e da disforização dos outros dedos.

O comentário, como se verificou, não está no final, mas no início; contudo o efeito é o mesmo: a definição do que se ilustra está textualizada, e, de acordo com Perelman & Olbrechts-Tyteca (2002: 408), a ordem do discurso não é essencial, caso as ilustrações de uma regra cabalmente aceita podem preceder seu enunciado.

Todo o procedimento argumentativo por meio do caso particular se repete nos mesmos moldes nos outros casos do livro de Alexandre ; o enunciador-autor lança mão de casos para produzir o efeito de realidade e, conseqüentemente, leva o enunciatário a interpretar os casos como uma lei (regra) digna de fé, pois está condizente com a realidade (a construída no discurso); além do mais, isso é feito sempre com o tema posto explicitamente.

Para exemplificar, veja-se o caso em que o enunciador para ilustrar sua tese conta um fato ocorrido com ele quando assistiu ao filme *De volta para o futuro*.

#### A CONGRUÊNCIA

Talvez você tenha assistido ao filme “De volta para o futuro” e se lembre do super carro com o qual as pessoas viajavam no tempo. Aquela máquina fantástica era alimentada por um *capacitor de fluxo de energia*, localizado num painel atrás do banco do piloto. Quando o vi, constatei surpreso que o desenho que eu havia criado em minha cabeça da *Fonte do poder* era exatamente igual.

Fonte do poder? Isto mesmo. Todos nós temos, conscientes ou não, uma nascente de energia pessoal.

É a idéia central deste capítulo e ficará clara ao longo dos próximos parágrafos.

No filme mencionado, o tal “capacitor de fluxo de energia” era representado por uma espécie de triângulo, no qual três correntes de luz convergiam de suas extremidades para um núcleo central resplandecente, o fulcro energético do poder. Observando aquele fluxograma, pude visualizar, de maneira simplificada e dinâmica, um processo extremamente sutil, refinado e profundo, e que apenas começamos a descobrir e entender. Não pude deixar de sorrir, eu tinha encontrado uma metáfora feliz.

Tais idéias não são minhas, não são originais e nem são novas. Em toda literatura conhecida que reconhece no homem uma manifestação do divino, da Bíblia à Torá, dos Rigvedas ao Corão, encontramos, sob diferentes formas, a referência constante às palavras, aos pensamentos e às obras, como

aspectos essenciais da vida do homem. Não é casualidade. A confluência destas três energias, aparências interdependentes e complementares da unidade ou do todo, origina um eixo singularmente poderoso, o manancial da vitalidade, aqui chamado de *congruência*.

Reforçando: a congruência se realiza através da “soma” das expressões verbal, mental e ativa da vontade de viver, da esperança, da fé, do amor, do trabalho, do perdão, da amizade, da gratidão, da paz, do entusiasmo, da liberdade, da segurança, da saúde, da alegria, do prazer, da justiça, da prosperidade, do merecimento, da celebração e demais estados expansivos. Mas também através do oposto disso tudo. Pois congruência é afinação: se alguém afina seus pensamentos, suas expressões verbais e seus afazeres com um sentimento de natureza limitante, como a raiva, por exemplo, ficará “poderosamente enraivado”. É claro que tamanha ferocidade poderá ser útil em algumas situações, mas se predominar, em todas elas, envenenará o sangue. Isto posto, se se trata de coerência, é bom ficar atento.

Algumas figuras da semiótica natural são reconhecíveis: carro; pessoas; viagem; máquina; alimentava; painel, banco do piloto; desenho; cabeça; triângulo; correntes de luz. Elas dão concretude ao conceito *fonte de poder*, ou seja, desempenham a função de criar a “ilusão referencial”.

A figurativização do texto, já em seu momento inicial, não é sem propósito, porque tratar do tema *fonte do poder* exige um grau de concretização grande a fim de tornar visível esta fonte e, conseqüentemente, crível sua existência. Quando o enunciador apela para elementos que remetem ao mundo natural, permite ao enunciatário reconhecer um conceito, que, via de regra, explica-se por meio de operações abstratas (conexões lógicas e lingüísticas). Ao recobrir o tema (fonte do poder) com figuras tais como triângulo, correntes de luz, materializa-o na consciência do enunciatário, porque incorpora as formas que o ilustram.

O enunciador, logo após relatar sua surpresa quanto á coincidência entre o que ele dese-nhou em sua cabeça e o capacitor, delimita sua tese: todos possuem uma fonte de poder. Em seguida, passa a comentar as relações entre o filme e sua idéia proposta. Por um processo gradual, passa-se do mais concreto (parágrafos 1, 2 e 3) ao mais abstrato. Ou seja, após ter dado certa materialidade e forma à idéia, passa-se a conceituar, explicar e a comentar a tal fonte do poder.

## CONCLUSÃO

Visto que primeiro é apresentada uma regra (lei, princípio ou premissa), no livro de auto-ajuda, o enunciador não parte de um fato concreto em sentido a uma generalização, ao contrário, busca materializá-la, empregando, estrategicamente, o caso particular como *ilustração*. Essa escolha parece seguir a idéia de que a ilustração, menos que ser inconteste, deverá muito mais *impressionar vivamente a imaginação para impor-se à atenção*. (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2002: 407).

O desenvolvimento temático se dá pela combinação entre comentário e significação figurativa, o que lembra, como se apontou, a estrutura de uma fábula. A implicação desse uso é a de que não se abre para o enunciatário a possibilidade da livre interpretação, uma vez que a responsabilidade interpretativa fica, propositadamente a cargo do enunciador.

Portanto, o modo como são apresentados os casos, nos livros, corrobora a idéia de que não há a preocupação, por parte do enunciador, em apresentar fatos incontestáveis, pois, independente da validade de todas as ilustrações utilizadas na composição do discurso, o que importa na análise é perceber que as intenções do enunciador é tão somente causar no enunciatário a “impressão vívida”, no sentido de que a totalidade dos fatos pode ocasionar essa ilusão que faz ver e cria a realidade desejada pelo enunciatário, na medida em que é criada uma cenografia (Maingueneau, 2001) compatível com os interlocutores discursivos, possibilitando que o sujeito da recepção interprete-as como verdade possível de ser vivenciada no discurso.

Por fim, os recursos empregados são essenciais no processo persuasivo deste gênero auto-ajuda porque eles evidenciam que o enunciador na busca do contrato fiduciário de verificação primeiro faz (ou quer fazer) o outro aderir à proposição por meio de seu caráter diretivo e autoritário, portanto monofônico – levar obrigatoriamente a ver nas ilustrações uma única interpretação; segundo, pela sua força de demarcar, no discurso, juntamente com outras estratégias, a relação autoritária de um sujeito sobre o outro. Essa manipulação cria o simulacro de um sujeito que procura dar ao outro a verdade das coisas, visto que os casos relatados obrigam (dever-fazer) o enunciatário a agir conforme o querer do manipulador. Portanto, as estratégias empregadas visam consolidar o enunciador como a de sujeito detentor do saber que intenta fazer com que o enunciatário entre em conjunção com a verdade exposta e torne-se, a sua imagem e semelhança, um homem de sucesso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, s./d.
- BARROS, D. L. P. Contribuições Bakhtin às teorias do texto. **In:** FARACO, C.A. et al. (org.) *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. UFPR, 1996, p. 21-32.
- . *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas/USP, 2002.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Bauru: EDUSC, 2003.

- CASTILHO, A. T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: FFCL, Coleções de Teses, 1968.
- CHAGAS, A.T.S. *A ilusão no discurso de auto-ajuda e o sintoma social*. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.
- CHARAUDEAU, P. *Eléments de sémiolinguistique – Théorie et pratique*. Paris: HACHETTE, 1983.
- CHEVALIER, J. & GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: José Olímpio, 1998.
- COSTA, S. B. B. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 1997.
- COURTÉS, J. *Introdução à semiótica narrativa e discursiva*. Coimbra: Almedina, 1979.
- . *Analyse sémiotique du discours: de l'énoncé à l'Énoncition*. Paris: Hachette, 1991.
- CUNHA, M. A. F. da (org.). *Procedimentos discursivos na fala de Natal: uma abordagem funcionalista*. Natal: EDURFRN, 2000, p. 111-170.
- DISCINI, N. *O estilo nos textos: histórias em quadrinhos, mídia, literatura*. São Paulo: Contexto, 2003.
- DORIA JÚNIOR, J. *Lições para vencer*. São Paulo: Gente, 2001.
- FÁVERO, L. L. & K. I.G. *Linguística textual: uma introdução*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1998.
- & SAVIOLI, F. P. *Lições de texto: leitura e redação*, 1999.
- . *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2001.
- . *As astúcias da enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2002.
- FONTANILLE, J. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas; USP, 2001.
- GRANGER, G. G. *Ciências e As Ciências*. São Paulo: UNESP, 1994.
- GREIMAS, A. J. & COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- . *Du sens II: Essais sémiotiques*. Paris: Éditions du Seuil, 1983.
- & COURTÉS, J. *Sémiotique: dictionnaire raisonné de la théorie du langage, tome 2*. Paris: HACHETTE, 1986.



- . FONTANILLE, J. (1993) *Semiótica das paixões*. São Paulo: Ática.
- GREIMAS, A. J. Maupassant – A semiótica do texto: exercícios práticos. *Florianópolis: Edufsc*, 1993.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortes, 2003, p. 75-159.
- KUNH, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- LANDOWSKI, E. *Presença do outro*. São Paulo: Perspectiva, 1997.
- LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins fontes, 1991.
- LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Lisboa: Gulbenkian, 1972.
- LOBATO, L. M. P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo. Critérios de auxiliari-  
dade. **In**. *Análises lingüísticas*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- MAINGUENEAU, D. *Análise Do Discurso*. Campinas: UNESP, 1993a.
- . *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas- S.P: Editora da Universidade de  
Campinas, 1993b.
- . *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996a.
- . *Pragmática para o discurso literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996b.
- . *Análises de textos de comunicação*. São Paulo: Cortes, 2004.
- MARI, H. (Org). *Categorias e práticas de análise do discurso*. Belo Horizonte: FA-  
LE/UFMG, 2000.
- . Org. ). *Análise do discurso: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MATTOSO, C. J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- MONTEIRO, J. L. *A estilística*. São Paulo: Ática, 1991.
- NEVES, M. H. M. *Gramática funcional*. São Paulo: Martins fontes, 1997.
- . *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- PATRICK C. Uma teoria dos Sujeitos da linguagem. **In**: MARI, H. et. alii. *Análise do discurs-  
so: fundamentos e práticas*. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. São  
Paulo: Martins Fontes, 2002.
- PERELMAN, C. *O império retórico*. Porto: ASA Editores II, 1993.

SANTOS, A. H. *Você pode conseguir o que quer* – Poderosas ferramentas para você planejar e atingir as metas de sua vida. São Paulo: Vozes, 2001.

SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamentos, 1995. (Coleção Histórias e Idéias).

TREVISAN, L. *O Poder infinito da sua mente*. Rio Grande do Sul: Mente, 1980.